

Dr. Dave Mathewson, Literatura do Novo Testamento, Aula 4, Judaísmo e Valores Sociais

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Esta é a Aula 4 do livro História e Literatura do Novo Testamento sobre Judaísmo e Valores Sociais, do Dr. David Mathewson.

Dr. Vamos abrir com oração. E então estivemos esta semana e provavelmente na semana seguinte, examinando o contexto e o ambiente em preparação para examinar os documentos do Novo Testamento. Temos tentado esboçar um quadro muito amplo, política, histórica, religiosa e hoje, culturalmente, sobre o que estava acontecendo antes e focando especialmente no período de tempo em que o Novo Testamento foi escrito como uma espécie de estabelecimento do pano de fundo e primeiro plano sobre por que o Novo Testamento foi escrito. Mais uma vez, perceber que o Novo Testamento cresceu a partir de circunstâncias históricas, religiosas e culturais muito específicas influenciadas por eles, respondendo a eles, criticando-os, etc.

Recentemente, concentrámo-nos principalmente no contexto religioso e vimos que tanto do mundo greco-romano no mundo grego como do mundo romano que agora era o império dominante e também do mundo judaico havia várias opções e influências religiosas disponíveis. Mas também vimos que religião e política não eram facilmente distinguíveis. Especialmente isso era verdade no mundo greco-romano. A lealdade a Roma também trazia consigo implicações religiosas.

Então, não havia aquela divisão estrita entre religião e política que muitas vezes estaríamos inclinados a pensar. Então hoje quero encerrar isso e começar a focar também um pouco na formação cultural. Quais foram algumas das tendências dominantes? Mais uma vez, pintando traços muito gerais, quais foram algumas das tendências socialmente dominantes, alguns dos valores sociais que governam a forma como as pessoas se relacionavam entre si e a forma como as pessoas viviam e pensavam que influenciaram algumas das coisas que lemos em o Novo Testamento? Depois, quero também dar alguns exemplos de textos do Novo Testamento onde a compreensão do contexto histórico, geográfico e cultural pode fazer uma pequena diferença na maneira como realmente o lemos.

Mas vamos começar com a oração primeiro. Pai, mais uma vez, estamos conscientes da enormidade da tarefa de tentar compreender o que é nada menos do que a sua própria palavra e revelação para nós. Portanto, pedimos a sua capacitação para pensar claramente sobre isso, para trazer tudo o que somos e tudo o que temos e o nosso melhor pensamento para a tarefa de tentar discernir a sua revelação para nós, não apenas para o seu povo no primeiro século, mas como você continua a falar em sua palavra ao seu povo hoje. Em nome de Jesus, oramos, amém.

Tudo bem, uma coisa que quero fazer antes de focar no contexto cultural: você notará uma seção em suas anotações após nossa discussão sobre as opções políticas, religiosas, filosóficas e políticas judaicas. Digo muito, por causa disso, muitos estudiosos costumam falar sobre judaísmos .

Isto é, parece haver uma variedade de tipos, ou pelo menos movimentos dentro do Judaísmo, pelo menos alguns partidos, não que todos tivessem que pertencer a um deles. Parece ter havido um judaísmo comum, mas vários partidos dentro dele. Mas relacionado a isso tenho uma seção em suas notas chamada A Literatura do Judaísmo.

E eu não quero olhar para tudo isso. Quero apenas abordar dois ou três deles com os quais você pode estar familiarizado ou que pode encontrar em sua leitura, apenas para que você entenda. Quando eu era criança, costumava pensar que o Novo Testamento era o único livro escrito no primeiro século.

Mas, na verdade, o Novo Testamento é apenas parte de todo um corpo de literatura que cresceu até durante e mesmo depois da época do Novo Testamento. E muitas vezes pode ajudar-nos a compreender o que as pessoas pensavam ou como interpretavam a promessa de Deus, como entendiam o que significava ser judeu ou ser povo de Deus. E isso muitas vezes fornece uma visão sobre como lemos o Novo Testamento e o que os autores do Novo Testamento podem ter pensado, feito ou respondido também.

Quero apenas destacar três deles. O primeiro é o número dois nesta literatura do Judaísmo, e é conhecido como Mishná. Como diz a lenda, junto com isso, você tem que voltar ao Antigo Testamento agora, junto com a lei que foi dada a Moisés, você se lembra, especialmente os livros de Êxodo, Levítico e Deuteronômio explicam a legislação mosaica, o lei que Deus deu a Moisés.

Junto com a lei escrita, como diz a lenda, havia uma tradição oral ou lei oral que também foi dada a Moisés. Mas o ponto que quero abordar juntamente com a lei escrita é que cresceu um corpo de comandos orais, de lei oral e de tradição oral que foi transmitido oralmente e não por escrito. Mas por volta de 200 DC , aproximadamente 150 a 100 anos após o período de escrita do Novo Testamento, cerca de 200 DC, esse corpo de literatura oral foi então escrito e codificado em forma escrita em um documento conhecido como Mishná.

Você pode encontrar a Mishná, uma tradução dela em inglês, em nossa biblioteca. Mas embora isso aconteça, você pode se perguntar por que estamos falando de um documento que é cerca de cem anos depois do Novo Testamento. Por conter informações transmitidas oralmente, muitas vezes pode refletir como os judeus e

outros pensavam sobre diferentes questões já no primeiro século, embora tenha sido codificado e escrito por volta de 200 DC.

Então é isso que é a Mishná. Junto com a lei escrita dada a Moisés, houve uma tradição de lei oral que cresceu em torno dela, e essa lei oral finalmente foi escrita neste documento que conhecemos como Mishná. Outro texto que você precisa conhecer é o penúltimo, os Targums.

Os Targums basicamente surgiram assim. Na terra da Palestina, como língua aramaica, você esperançosamente se lembra do Antigo Testamento que o Antigo Testamento foi escrito principalmente em que língua? Todo mundo sabe hebraico, exceto algumas pequenas seções do Antigo Testamento, que foram escritas em aramaico. O Antigo Testamento foi escrito em hebraico.

Contudo, à medida que o povo da Palestina começou a falar aramaico, houve uma necessidade, especialmente quando se reuniam nas suas sinagogas para adoração, à medida que a Bíblia era lida, explicada e exposta, havia uma necessidade de fazê-lo na sua língua, a língua do aramaico. Eventualmente, essas traduções e paráfrases do aramaico também foram codificadas e escritas. Embora no início eles assumissem a forma de sermões e apresentações orais, eles também se comprometeram a escrever na forma que hoje conhecemos como Targums.

Novamente, eles surgiram algumas centenas de anos depois do Novo Testamento, mas ainda podem incorporar o que os judeus do primeiro século pensavam e como interpretavam e entendiam o Antigo Testamento. Então, a Mishná, novamente o registro escrito da lei oral que foi transmitida no Judaísmo, os Targums, uma espécie de paráfrases aramaicas, e traduções do Antigo Testamento que também foram escritas. Já falamos sobre o último, mas um último que é importante são os Manuscritos do Mar Morto.

Conversamos sobre os essênios e a comunidade de Qumran. Os documentos que temos que testemunham a comunidade de Qumran, mostrei-lhes a foto daquela caverna. Há uma série de cavernas onde foram descobertos esses documentos que conhecemos como Manuscritos do Mar Morto.

Esses documentos contêm uma série de coisas interessantes. Alguns destes documentos são na verdade comentários, por exemplo, sobre passagens do Antigo Testamento para demonstrar como a fundação da comunidade de Qumran foi realmente antecipada e predita no Antigo Testamento. Então, eles frequentemente pegavam literatura profética e era uma espécie de comentário para mostrar que os profetas realmente anteciparam a fundação desta comunidade de Qumran.

Lembre-se de que a comunidade de Qumran estava perturbada não apenas com o domínio romano, mas também com a forma como as coisas aconteciam em

Jerusalém. Eles pensavam que Jerusalém e o templo estavam corrompidos. E assim, eles partiram, separaram-se e retiraram-se para o deserto para iniciar a sua própria seita, o seu próprio movimento dentro do Judaísmo.

E para justificar isso, muitas vezes apelavam para passagens do Antigo Testamento para mostrar que eram o verdadeiro cumprimento daquilo de que os profetas estavam falando. Eles eram o verdadeiro templo de Deus. Você também encontra documentos relacionados, por exemplo, a um regime bastante rígido que deveria ser seguido para ser membro da comunidade de Qumran e até mesmo a períodos de teste.

Você meio que subiria de nível e passaria no teste para se tornar um membro pleno da comunidade de Qumran. Uma coisa interessante que eu estava lendo outro dia é se, acho que contei isso aos meus filhos também, quando você tinha, se você tivesse um filho que se rebelou, você o levasse aos mais velhos, e o garoto fosse apedrejado até a morte por causa de a maneira como ele agiu. Então, você tem comandos como esse.

Como devem agir e viver nesta comunidade, na comunidade de Qumran? Assim, os documentos de Qumran são importantes porque nos dizem pelo menos o que alguns Judeus durante este dia estavam a pensar, como interpretaram o Antigo Testamento, o que compreenderam quando pensaram num Messias vindouro, etc. um rico corpo de literatura, e estes são apenas três exemplos, a Mishná, os Targuns e os Manuscritos do Mar Morto, que nos ajudam a pintar um quadro da religião judaica e do judaísmo e do povo de Deus, o que eles pensavam, o que ensinavam, como eles viveram no primeiro século, durante a época em que o Novo Testamento surgiu. E novamente, frequentemente nos referiremos a alguns desses documentos que podem nos ajudar a compreender e iluminar certas seções do Novo Testamento.

Agora, tendo falado um pouco sobre o clima político e o ambiente, e depois sobre o ambiente climático religioso, tanto no mundo grego como no romano, bem como no mundo judaico também, quero falar um pouco sobre, novamente, muito, de forma muito geral, sobre o ambiente cultural, pensando em termos de quais códigos culturais determinavam ou ditavam a forma como as pessoas se relacionavam entre si e a forma como viviam. Que coisas eles valorizaram culturalmente que influenciaram as decisões que tomaram e como se relacionavam entre si? A importância disto é que por vezes os seus valores culturais eram muito, muito diferentes e distintos dos nossos. E assim, quando você lê um texto, especialmente um texto antigo como o Antigo e o Novo Testamento, parte da dificuldade é que quando lemos certas referências culturais, a tendência pode ser, mesmo involuntariamente, de lê-las e interpretá-las à luz de nossa própria cultura. valores e experiências.

Em vez de primeiro tentarmos distanciar-nos e reconhecer a distância que é preciso percorrer para compreender o texto à luz dos seus próprios códigos e valores culturais que teriam determinado a forma como as pessoas pensavam, interagiam e viviam as suas vidas. E, novamente, quero simplesmente observar alguns ou três desses valores sociais. O primeiro é o que rotulei de evitar a vergonha a todo custo.

Isso decorre da ideia de que provavelmente, mais do que estamos acostumados hoje, a conformidade era um código ou valor cultural muito importante, em certo sentido. Ou seja, evitar a vergonha a todo custo. Se você viveu no primeiro século, cabia a você agir de maneira honrosa e que não envergonhasse a si mesmo ou sua família a todo custo.

Novamente, foi basicamente a sociedade que determinou o que constituía um comportamento vergonhoso e o que constituía um comportamento honroso. E você deveria agir de acordo com essas normas. Então, numa sociedade onde às vezes estamos acostumados a ser nós mesmos e a ostentar as normas da sociedade, no primeiro século, não se fazia isso.

Você se conformou com os padrões culturais apropriados. Portanto, evite a vergonha a todo custo. Aja de maneira honrosa.

Se o seu caráter era a honra, a sua honra foi questionada, você agiu de forma vergonhosa. Você teve que fazer o que fosse necessário para restaurar sua honra. Por exemplo, no Novo Testamento, todos os Evangelhos, especialmente os Evangelhos Sinópticos, registam Jesus a ser questionado, especialmente no final dos Evangelhos, pouco antes da prisão e crucificação de Jesus.

Muitas vezes, os Evangelhos registam Jesus em conflito com alguns dos grupos de que falamos, os fariseus e os saduceus. E muitas vezes o que eles fazem é tentar enganar Jesus fazendo perguntas. E penso que a maneira de abordar essas questões não é apenas vê-las como uma tentativa de fazer Jesus tropeçar, mas, por outro lado, essas questões também pretendem desafiar a honra de Jesus.

Numa sociedade e cultura que valorizava a honra e a manutenção da honra acima de tudo, vivendo de acordo com os códigos de honra apropriados, se os fariseus e saduceus conseguissem fazer Jesus tropeçar, se conseguissem desafiar a sua honra e envergonhá-lo, então isso seria uma coisa boa aos olhos deles. Então, curiosamente, Jesus muitas vezes desafia a honra deles fazendo perguntas de volta. Outra maneira pela qual você pode envergonhar-se, por exemplo, é se alguém fez algo com você, isso irá embora, isso vai junto com um terceiro código ou valor cultural que veremos em um momento.

Mas se alguém fizesse algo com você, como lhe dar dinheiro ou um lugar para lhe proporcionar um emprego ou algo assim, deixar de demonstrar gratidão, deixar de

demonstrar gratidão da maneira apropriada era trazer desonra para si mesmo. Foi agir vergonhosamente. Então, novamente, foi uma honra falar bem e reconhecer e apenas mostrar extrema gratidão a alguém que lhe concedeu certos benefícios financeiros ou não.

Portanto, evite a vergonha a todo custo. Outro exemplo, há uma parábola interessante que Jesus ensina. Se você se lembra, o homem que estava na cama à meia-noite e alguém, na verdade o vizinho dele, alguém veio na casa do vizinho e pediu pão, alguém que estava viajando de novo, e a coisa honrosa a fazer era aceitar aquela pessoa em e prover para eles.

Seria uma vergonha para você rejeitar essa pessoa. Mas esta pessoa não tem pão e, mais uma vez, seria vergonhoso para ela não fornecer uma refeição. Então ele vai na casa do vizinho que por acaso está dormindo e a família no chão e ele bate na porta e diz que aquela pessoa que estava dormindo, embora ele não quisesse se levantar, ele levantou.

Isso significava talvez passar por cima dos filhos e da família e acordá-los, mas ele o fez. Por que? Porque teria sido uma vergonha para ele não se levantar e suprir a necessidade desta pessoa e não dar pão ao seu vizinho para que o seu vizinho pudesse alimentar a outra pessoa. Então, essa ideia de agir de forma honrosa, evitando a vergonha a todo custo, foi um valor cultural importante.

Outra, nenhuma pessoa é uma ilha. Para resumir simplesmente, mais importante do que quem você era como indivíduo era o grupo ao qual você pertencia. Portanto, sua família, sua família extensa, etc., era muito mais importante do que quem você era como indivíduo.

E algumas culturas em nosso mundo têm mais facilidade para entender isso do que outras. O último são os clientes e os clientes. Esta parecia ser uma dinâmica cultural muito significativa no primeiro século.

E como foi isso, um patrono, e você precisa conhecer esses dois termos, e essa dinâmica cultural surgirá em vários lugares do Novo Testamento, especialmente quando chegarmos ao livro de 1 Coríntios. Isso parece estar em todo lugar às vezes. Mas a relação patrono-cliente no primeiro século era assim.

E se encerra um pouco com o primeiro, evitando a todo custo a vergonha. A relação patrono-cliente era assim. Geralmente, um patrono era, embora a elite rica fosse uma minoria no primeiro século, veremos que em breve, um patrono era um membro rico da sociedade.

O que um patrono pode escolher fazer é conceder ou estender alguns desses benefícios a alguém que não tinha tanto ou que tinha menos coisas para fazer ou

que estava mais abaixo na escala socioeconômica. Assim, um patrono rico pode optar por financiar algo para toda a cidade, pode optar por fornecer trabalho ou benefícios financeiros ou ajudar alguém que não esteja em uma posição financeira tão boa. E esse era o patrono.

O cliente era a pessoa que essa pessoa estava ajudando. Portanto, o patrono é um indivíduo rico. Os clientes são os indivíduos menos importantes que o patrono está ajudando, alcançando e estendendo os benefícios financeiros.

Em troca de benefícios financeiros, esperava-se que o cliente basicamente falasse bem daquela pessoa e a apoiasse, talvez politicamente, por causa do que tinha feito. Então, novamente, deixar de demonstrar extrema gratidão quando um patrono concedeu um benefício financeiro ou, de outra forma, como cliente, deixar de demonstrar extrema gratidão ao patrono, mais uma vez, era impensável e significava derramar vergonha sobre si mesmo por agir de uma forma maneira muito desonrosa. Então, aquela dinâmica patrono-cliente, os patronos sendo indivíduos ricos, os clientes, aqueles que têm menos condições de fazer isso, podem optar por estender os benefícios em troca de seu apoio e em troca de basicamente andarem por aí e se gabarem de como eram maravilhosos na cidade, então todos saberiam que boa ação eles fizeram.

Então essa era uma espécie de dinâmica patrono-cliente no primeiro século. E como espero mostrar-lhe, essa dinâmica está por trás de alguns dos problemas que Paulo abordava no livro de 1 Coríntios. E veremos como isso funciona.

Em relação a essas três dinâmicas culturais, de forma mais geral, apenas para esboçar de forma muito rápida e superficial as classes dominantes no primeiro século, novamente, para me concentrar em apenas três por enquanto, e novamente, não quero para sugerir que são herméticos ou que não há mais a ser dito. Mas geralmente, quero me concentrar em três classes. A primeira seria a elite rica.

Mais uma vez, a maior parte da riqueza no primeiro século teria sido concentrada nas mãos de uma elite. E, novamente, eles eram em sua maioria muito poucos. A maioria das pessoas teria caído na segunda categoria dos pobres, ou seja, pessoas que estavam apenas tentando sobreviver no dia a dia.

A maioria destes eram, por vezes, agricultores que, mais uma vez, estavam simplesmente a tentar ganhar a vida, perguntando-se literalmente de onde viria a sua próxima refeição. Então, quando Jesus disse aos seus discípulos para orarem, dê-nos hoje o nosso pão de hoje, dê-nos hoje o nosso pão de cada dia, ou poderia até nos dar o nosso hoje, o nosso pão para amanhã, seus leitores teriam entendido exatamente do que ele estava falando. Literalmente, cerca de 70% da população naquela época eram pessoas apenas lutando para sobreviver, vivendo o dia a dia e, às vezes, muitas vezes se perguntando de onde viria a próxima refeição.

A última categoria seriam os escravos. E o mundo greco-romano era conhecido por ter sido, por vezes, praticamente construído sobre o seu sistema de escravatura. Embora no primeiro século a escravidão abrangesse toda uma gama.

Muitas vezes, quando alguns de nós pensamos sobre a escravidão, se você for um pouco esclarecido historicamente, pensamos em termos do pós-Guerra Civil, da Guerra Civil dos Estados Unidos, onde a escravidão foi motivada principalmente por motivos raciais. No primeiro século, não era. Você não se tornou escravo porque pertencia a uma determinada raça ou algo parecido.

Houve uma série de razões pelas quais você se tornou um escravo. Um deles era porque você não tinha mais condições de ganhar a vida. Por exemplo, uma forma de ganhar a vida é sendo agricultor e alugando um campo, e parte da sua produção seria destinada ao pagamento do aluguel.

Se você tivesse uma falha na colheita, por exemplo, você não teria condições de pagar o aluguel e acabaria tendo que se vender como escravo. Às vezes, porém, a escravidão no primeiro século teria sido uma experiência positiva. Alguns escravos tinham condições de vida muito boas e comiam bastante bem.

Alguns deles até tiveram oportunidades de comprar a sua liberdade. Alguns deles receberam responsabilidades. No outro extremo do espectro estavam os escravos que teriam sido recrutados para o serviço nas minas de Roma, que eram condições muito brutais e muito, muito brutais e provavelmente uma série de condições intermediárias.

A escravidão foi muito significativa no Império Greco-Romano e era apenas parte integrante da Roma do primeiro século. Mas, novamente, provavelmente uma variedade de escravidão variava de condições bastante boas a condições bastante ruins também. Então, mais uma vez, isso dá uma espécie de esboço da composição social e econômica de como era viver no primeiro século.

Mais uma vez, significativo é o facto de cerca de 70 por cento da população ser muito pobre. E por pobre quero dizer, o que vamos comer amanhã? Antes de prosseguir, quero dar alguns exemplos de como o contexto histórico cultural e até mesmo geográfico ajuda a iluminar a leitura de um texto, um texto do Novo Testamento. Mas antes de o fazermos, alguma questão sobre o contexto cultural ou o tipo de situação econômica? Sim.

Claro. Sim. Não, esse é um ponto muito bom.

O que isso significa é aquele tipo de resposta curta, que se você quiser uma resposta longa, inscreva-se na hermenêutica bíblica. Veja, esta aula me dá todos os tipos de

oportunidades para divulgar estudos bíblicos. Mas o tipo de resposta curta é que compreender o ambiente cultural é simplesmente compreender a realidade do facto de que Deus escolheu revelar-se não nos nossos termos contextuais ou apenas em termos gerais para que todos possam compreender.

Mas Deus escolheu revelar-se num momento específico. Então, precisamos, antes de tudo, entender o que isso significa e como é. Como isso faz diferença na maneira como entendemos o texto? Então, uma vez que entendemos como Deus se revelou e o que isso significou para as pessoas originais às quais ele se revelou, então seremos capazes de diversificar e perguntar, então com base nisso, como eu, reconhecendo esta ainda é a palavra permanente de Deus, como faço para aplicá-la em minha vida? Então, não é, vamos entender no seu primeiro século e deixar aí, nem é, deixa eu só ler esse texto e ver o que eu acho que significa.

Mas deixe-me perguntar: o que Deus pretendia comunicar aos seus primeiros leitores? E então, tendo entendido isso, como isso continua a falar ao povo de Deus hoje em um ambiente muito diferente? Mas acho que às vezes entenderemos mal o último. É fácil aplicá-lo incorretamente ou entendê-lo incorretamente se não o compreendermos primeiro à luz do contexto original em que Deus se comunicou. Então é uma espécie de ambos os lados.

Como Deus se comunicou e se revelou aos seus primeiros ouvintes e leitores num contexto muito específico? E uma vez que tenhamos lutado com isso e entendido isso, então podemos fazer a pergunta: como Deus continua a falar ao seu povo hoje, mesmo que num contexto muito, muito diferente? Muito boa pergunta. E falamos um pouco mais sobre isso, novamente, na hermenêutica bíblica em um nível um pouco mais envolvente. Muito boa pergunta.

E a propósito, a outra coisa irá ajudá-lo, o último capítulo do livro de Craig Blomberg, *Making Sense of the New Testament*, também irá ajudá-lo a responder a essa pergunta. É para isso que é direcionado. Como podemos levar uma revelação histórica de Deus muito condicionada culturalmente ao seu povo, e como isso continua a falar? Como você disse, a Palavra de Deus é ativa e viva.

Como continua a falar com todas as pessoas em todos os momentos? Tudo bem. Dois exemplos do Novo Testamento. Um deles você provavelmente conhece, e talvez já conheça, conhece algumas das coisas que vou dizer sobre ele, mas vale a pena dar uma olhada novamente, só porque ilustra tão bem como muitas vezes interpretamos um texto principalmente através de nossas próprias lentes, o que não é ruim.

Se você não tivesse nenhuma lente para olhar o Novo Testamento, mesmo que fosse sua, você nunca poderia entendê-lo. Portanto, é necessário ter alguma perspectiva para abordar o Novo Testamento. Mas perceber que, às vezes, permitir que o Novo Testamento corrija essa perspectiva e nos ajudar a lê-lo e compreendê-lo novamente

como Deus originalmente comunicou ao seu povo, para que possamos aplicá-lo com mais precisão à vida do povo de Deus hoje .

Quando lemos, especialmente narrativa, mas quando lemos, a leitura é muitas vezes também o processo de preencher lacunas. Se eu escrevesse tudo o que penso e tudo o que quero comunicar a vocês, escrever seria um processo sem fim. Quando me comunico com você, presumo certas coisas de sua parte.

Presumo que você saberá certas coisas e presumo que terá a perspectiva certa, o conhecimento certo e as ferramentas certas para entender o que vou dizer. Então, o que eu digo para vocês costuma ser apenas a ponta do iceberg de tudo que pretendo comunicar. E, novamente, estou contando com você para preencher as lacunas, de certa forma.

Isso é especialmente importante quando lemos textos bíblicos porque, da mesma forma, existem o que costumamos chamar de lacunas no texto. E com isso quero simplesmente dizer, mais uma vez, que os escritores bíblicos fizeram a mesma coisa. Eles presumem que seus leitores sabiam certas coisas.

Eles não tiveram que explicar o significado de cada palavra, e cada característica histórica, cultural, e valor, e isto e aquilo. Eles presumiram que os leitores preencheriam os detalhes apropriados para dar sentido à revelação e ao que estavam dizendo. Agora, a dificuldade é que, como leitores do século XXI, quando lemos um texto, iremos inevitavelmente preencher esses detalhes, e preencher os espaços em branco ou as lacunas com as nossas próprias ideias culturais, valores e antecedentes.

E então , quando chegamos ao texto bíblico, vale a pena perguntar, vale a pena nos lembrar, quais podem ser algumas das diferentes características históricas, culturais e geográficas que me ajudarão a ler isto? Não apenas de acordo com minhas próprias suposições e pontos de vista, mas como o autor original e como os leitores originais o teriam compreendido pela primeira vez. Como eles teriam lido isso? Qual formação cultural? Que coisas históricas? Que coisas geográficas teriam influenciado o caminho? O que o autor presumia que teria influenciado a maneira como os leitores leriam o texto? E, novamente, quero dar alguns exemplos. Um deles é encontrado em Lucas capítulo 10 e versículos 25 a 37.

E eu vou ler isso para vocês, e a maioria de vocês provavelmente já sabe o que é, mas alguns de vocês, assim que eu começar a ler, irão reconhecê-lo. Jesus estava ensinando, e então o versículo 25 de Lucas 10 começa: Nesse momento um doutor da lei se levantou para testar Jesus. Mestre, disse ele, o que devo fazer para herdar a vida eterna? Ele lhe disse: Jesus lhe perguntou: o que está escrito na lei? O que você lê aí? E o doutor da lei respondeu: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu

coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças, de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.

E Jesus lhe disse: você deu a resposta certa, faça isso e você viverá. Mas querendo justificar-se, o advogado perguntou a Jesus, quem é o meu próximo? Então Jesus respondeu, e em vez de dar-lhe uma definição bonita e inequívoca e dizer, bem, aqui está o que é um vizinho, vamos ver o que significa a palavra vizinho, e então definirei o que é um vizinho, e colocaremos parâmetros em torno de qual é o vizinho para que você possa entender. Em vez disso, Jesus responde como sempre fazia, contando uma parábola, e esta é a parábola do Bom Samaritano.

E você conhece bem a história, alguém está viajando na estrada para Jericó, os ladrões atacam-no e espancam-no e despojam-no, levam tudo o que ele tem, e ele fica ali meio morto e sangrando. Um padre passa e vai para o outro lado da estrada porque, novamente, um padre não pode tocar num cadáver. Ele não tinha certeza se esse cara estava vivo ou morto, então não queria correr o risco de ser contaminado ao tocar em um cadáver, então foi para o outro lado da estrada e passou, o mesmo que o levita.

A próxima pessoa que passa é um samaritano, e o samaritano para e presta ajuda para ele, cura seus ferimentos, leva-o para um motel e até se oferece para pagar sua manutenção até que o cara melhore. E então Jesus no final diz, e vá e faça o mesmo. Então, lemos esta parábola como uma bela ilustração do que significa ser próximo.

Quem é meu vizinho? É qualquer pessoa que esteja necessitada e precisamos ser bons vizinhos para qualquer pessoa necessitada. E, de facto, esta parábola tornou-se muitas vezes uma espécie de trampolim para a utilização do termo Samaritano para designar diferentes sociedades benevolentes. Às vezes, até mesmo os hospitais são chamados de Hospital Bom Samaritano ou Hospital Samaritano.

Anos atrás, existia uma companhia de seguros cristã chamada Bom Samaritano, etc. Então, você sabe do que estou falando. É daí que surge a ideia, mesmo na nossa sociedade secular, sobre um Bom Samaritano.

Vem desta parábola. A dificuldade é que não tenho certeza se foi isso que Jesus quis dizer e como seus leitores teriam entendido inicialmente. Parece que em nossos dias domesticamos e higienizamos a pessoa do Samaritano.

Se você se lembra da pesquisa do Antigo Testamento, os samaritanos têm uma longa história, que remonta ao exílio de Israel e ao seu cativeiro, onde o povo resultante que sobrou na cidade de Samaria era o que algumas pessoas chamam de meio-raças. Eles não eram judeus puros. Então esse é um golpe contra eles.

Os judeus os teriam desprezado porque não eram judeus de raça pura ou de sangue puro. Em outras palavras, eles não eram o verdadeiro povo de Deus. Mas mais do que isso, a história da relação entre os judeus e os samaritanos não foi boa.

Não houve amor perdido entre eles e houve várias ocasiões em que o relacionamento entre eles foi muito ruim. Portanto, quando Jesus transforma um samaritano em herói, qualquer leitor judeu ou greco-romano que estivesse familiarizado com o Antigo Testamento teria reconhecido imediatamente que o herói desta parábola era a pessoa mais improvável que eles teriam pensado que Jesus usaria como herói. Novamente, domesticamos e higienizamos tanto o samaritano que não entendemos mais toda a força desta parábola.

Um bom samaritano teria sido simplesmente inaceitável. Ele não teria sido um bom samaritano. Os samaritanos eram nojentos, tão nojentos que você faria qualquer coisa para evitar viajar por Samaria porque eles eram impuros e não se davam bem com os judeus.

Então, quando Jesus faz do Samaritano o herói, isso seria impensável. O paralelo mais próximo hoje pode ser que, mais uma vez, não estou a falar sobre como necessariamente vemos estas pessoas, mas como a sociedade em geral por vezes as vê, é fazer do herói desta parábola um homossexual com SIDA ou um terrorista jihadista muçulmano. Fazer daquela pessoa o herói desta parábola seria mais o que Jesus estava fazendo ao tornar um samaritano o herói desta parábola.

Ele estava pegando uma pessoa que, não ele mesmo, mas muitos naquela época desprezavam e viam como nojenta e fazendo dessa pessoa o herói. Portanto, o objetivo desta parábola não é apenas um belo lembrete para sermos vizinhos e demonstrarmos amor. Talvez a questão seja mais que seu vizinho costuma ser seu pior inimigo, a pessoa que você despreza e odeia.

Mais um exemplo, mais um exemplo de como desta vez mais o contexto cultural, até mesmo geográfico, nos ajuda a compreender um texto. No último livro da Bíblia, bem no início deste último livro, o livro de Apocalipse, os primeiros capítulos dois e três são uma série de sete cartas, ou mais precisamente sete mensagens, sete mensagens proféticas para sete igrejas. As sete igrejas estavam localizadas na Ásia Menor Ocidental, que é a atual Turquia.

Na maioria dessas cidades, o trabalho tem sido, você sabe, eles fizeram descobertas arqueológicas e encontraram as ruínas de muitos desses locais. As cidades como Éfeso, Esmirna e Tiatira. E uma dessas cidades foi uma daquelas cidades que o autor aborda e se encontra no capítulo três e nos versículos 15 e 16.

Era a cidade de Laodicéia. Laodicéia era uma das cidades da Ásia Menor Ocidental. Novamente, a Turquia ocidental moderna no primeiro século.

E o autor do Apocalipse traz uma mensagem de Jesus Cristo para a cidade. E aqui está o que ele tem a dizer a eles. Vou ler o versículo 14 e depois os versículos 15 e 16 são os que quero focar.

E ao anjo da igreja que está em Laodicéia escreva as palavras do Amém. Esta é uma referência a Cristo. As palavras do Amém, o testemunho fiel e verdadeiro, a origem e o início da criação de Deus.

Então é assim que Cristo é descrito. Agora, aqui está o que Cristo diz a esta igreja nesta cidade chamada Laodicéia. Conheço suas obras que você não é nem quente nem frio. Eu gostaria que você estivesse com calor ou frio. Então, porque você é morno e não é nem quente nem frio, estou prestes a cuspir você da minha boca. O que quero focar é nas imagens de quente, frio e morno.

Em outras palavras, o que Jesus está dizendo? Bem, simplesmente eles não são quentes nem frios, são mornos. E por causa disso, ele está prestes a vomitá-los pela boca. Eles são nojentos.

Obviamente, Jesus não está falando literalmente, ele está usando isso para se referir ao seu status espiritual. São mornos da mesma forma que não gostamos de beber água morna. E não é apenas morno, é provavelmente a ideia de que é pútrido e nojento.

Para que Jesus diga, estou prestes a vomitar você da minha boca. Foi assim que Jesus viu a igreja nesta cidade chamada Laodicéia. Mas o que ele quer dizer com chamá-los de quentes e frios e dizer: você não é quente nem frio, você é morno? Apocalipse 3, 15-16, quente, frio ou morno.

A forma como costumamos ler, e pelo menos a forma como sempre fui ensinado a ler, é tão quente, esses termos referem-se à temperatura espiritual do cristão. Tão quente é uma coisa positiva. Em nosso jargão cristão, poderíamos dizer que alguém está em chamas por Cristo ou em chamas pelo Senhor.

Tão quente é uma coisa positiva. O frio é o seu oposto binário. E o frio é negativo.

Ser frio é estar desligado de Cristo, ser apático e não se importar nem um pouco. E morno é uma espécie de mistura, fica no meio. E então, quando aplicamos esse modelo a Apocalipse 3:15-16, o que Jesus está dizendo é que você não é nem quente nem frio, você é morno.

Ele está dizendo, você não está com calor, ou seja, você não está, novamente para usar o jargão moderno, você não está com calor, você não está pegando fogo por Cristo, e você não está com frio, você ' você não está desligado de Cristo, ou você

não está contra Cristo ou se opõe a Cristo. Em vez disso, você é morno, meio insosso bem no meio. Você está ultrapassando o muro e não se posicionará por Cristo e não se posicionará contra Cristo.

E então, curiosamente, o autor continua e diz: Eu gostaria que você estivesse com calor ou com frio. Em outras palavras, ele está dizendo então, eu gostaria que você estivesse com calor, que você tomasse uma posição por mim, ou eu gostaria que você estivesse com frio. Pelo menos tome uma posição contra mim, mas não permaneça meio morno e insosso e andando na cerca e no meio.

E assim, ainda hoje, você provavelmente ouve pessoas falando sobre cristãos mornos. Isso significa que eles são meio indiferentes, não sabem que caminho seguir, estão no meio-termo, não estão entusiasmados com Cristo, não são frios contra Cristo, mas estão apenas meio que sentado ali no meio. E agora o autor quer que eles se posicionem a favor ou contra Cristo, mas não fiquem no meio.

Alguém já ouviu isso entendido assim? Alguns de nós temos, sim. E, novamente, geralmente é nisso que pensamos quando pensamos em morno. No entanto, estou convencido de que não foi isso que o autor pretendeu comunicar.

Em vez disso, é aqui que precisamos entender um pouco sobre o meio ambiente no primeiro século. Laodicéia era uma cidade única porque faltava o que era um requisito muito importante para qualquer cidade do primeiro século, e que deveria ser construída perto de um bom abastecimento de água ou fonte de água. Pergunta? Laodicéia? Provavelmente não posso.

LAODICEIA. Ok, vamos lá, obrigado. Tudo bem, onde eu estava? A cidade de Laodicéia carecia de um requisito importante de uma cidade do primeiro século: um bom abastecimento de água.

A maioria das cidades seria construída perto de um local onde tivessem fácil acesso a água de boa qualidade. Em vez disso, por causa disso, Laodicéia teve que ter sua água canalizada de fora da cidade. E pelo que entendi, as escavações revelaram até um sistema de dutos que teria canalizado água para Laodicéia.

Não sei exatamente onde eles conseguiam toda a água, mas a questão é que, como não tinham um bom abastecimento de água, traziam-na de fora para dentro. estava bastante morno e morno e meio velho e estagnado. Realmente não era adequado para beber.

Em outras palavras, estava morno. Então, o que está acontecendo é que John está usando uma imagem, uma metáfora, com a qual seus leitores poderiam se identificar. Ele não está, em primeiro lugar, pensando na temperatura espiritual, quente e fria para Cristo ou no meio-termo.

Ele parte, antes de tudo, da cultura e da geografia da cidade de Laodicéia. Então, ele diz a eles, ele os compara a água morna. Por que? Porque eles entenderam isso.

Eles tinham a água encanada porque não tinham abastecimento próprio de água, eles mandavam encaná-la. E quando chegou lá, presumivelmente, de novo, estava velho, estagnado e morno, e não era bom para beber. Assim, Jesus disse, você é como seu próprio abastecimento de água.

É tão nojento que estou prestes a cuspir você da minha boca. Foi assim que Jesus ficou chocado com a atividade deles. Agora, e o quente ou o frio? Novamente, precisamos ler isso não da perspectiva de nossa experiência espiritual ou da maneira como usamos esses termos em nosso jargão espiritual, mas, em vez disso, precisamos entendê-lo à luz da cidade de Laodicéia, no primeiro século.

Curiosamente, havia duas cidades perto de Laodicéia que também eram conhecidas pelo seu abastecimento de água. Uma delas era uma cidade chamada Hierápolis. Hierápolis era conhecida por ter essas fontes termais que, novamente, nunca estive lá, mas vi fotos e entendo que eles têm isso, ou teriam essas fontes termais às vezes no encostas que tinham valor medicinal, e pessoas viajavam de todos os lugares para se banhar nesta água e utilizá-la para cura.

E mais uma vez, Hierápolis era conhecida por isso, pela sua água quente que tinha propriedades curativas e valor medicinal. Havia outra cidade não muito longe de Laodicéia, uma cidade chamada Colossos. Falaremos sobre essa cidade mais tarde porque Paulo escreveu uma carta à igreja de Colossos.

Você a conhece como a carta aos Colossenses. Mas Colossos também era bem conhecido no primeiro século por seu abastecimento de água, mas era conhecido por sua água fria, refrescante, pura e boa para beber. E, novamente, tinha uma reputação por isso.

Então, para os leitores que vivem no primeiro século, o que vão pensar? À luz desse cenário, o que eles pensarão quando ouvirem calor, frio e morno? Estou convencido de que parecia mais com isto. Quente e frio são coisas positivas. Basicamente, Jesus, através de João, está dizendo à igreja que você não é nem quente nem frio.

Ele está dizendo que você não é como a água de Hierápolis, a água quente que é valiosa para a cura e tem valor medicinal. E você também não é como a água fria, refrescante e pura de Colossos. Em vez disso, você é como sua própria água morna.

Ou seja, você é nojento. Portanto, morno não está entre o quente e o frio. Tanto o quente quanto o frio são metáforas positivas.

E morno é exatamente o oposto. É negativo. Portanto, não leia isso à luz de nossa experiência com o calor sendo ardente por Cristo, o frio sendo contra ele e o meio morno.

Não, quente e frio são coisas boas neste contexto, e morno é uma coisa ruim. É completamente o oposto. Uma analogia melhor em nossos dias modernos seria, em vez de usar a imagem das temperaturas espirituais, pelo menos quando você toma banho ou, gente, quando você faz a barba, você gosta de usar água quente.

Ninguém gosta, a menos que você esteja malhando e às vezes é bom tomar um pouco de água mais fria. Mas geralmente gostamos de água quente. Ou quando você se senta para tomar café ou chá, ninguém gosta de chá, água ou café morno.

Você gosta de calor. Talvez alguns de vocês saibam. Ou por que uma garçonete vem até a mesa e fica enchendo quando você tem água? Porque ninguém gosta de água parada que fica ali.

Eles gostam que seja atualizado. E essa é a imagem aqui. Quente e frio são coisas boas.

E Jesus está dizendo a eles: gostaria que vocês fossem como o abastecimento de água de Hierápolis ou Colossos. Eles são bons, desejáveis e valiosos. Mas, em vez disso, você é como seu próprio abastecimento de água, que é morno, a água que é canalizada, que não serve para nada.

Então, esses cristãos não são, a igreja de Laodicéia não é insosso ou está em cima do muro. Eles estão tão longe quanto você pode chegar. Eles estão agindo, e Jesus está, novamente, muito chateado com eles.

Ele diz que estou prestes a cuspir você e vomitar você da minha boca. Você é inútil. Você não serve para nada.

Então, entender, desculpe-me, entender um pouco sobre o contexto e a cultura de um texto muitas vezes pode ter um efeito profundo na forma como o lemos e pode acabar nos ajudando a compreender de uma forma muito diferente da forma como o lemos. podemos compreendê-lo se o lermos à luz do nosso próprio contexto cultural, histórico e valores. Alguma dúvida sobre algum desses textos? Todo mundo vê isso? E não estou pedindo que você concorde com o que fiz. Estou apenas sugerindo que há uma maneira diferente de ler este texto à luz que é provavelmente mais consistente com, novamente, se você é um cristão do primeiro século que vive em Laodicéia, essas imagens teriam sido imediatamente relevantes para você.

Vocês teriam retirado o seu próprio abastecimento de água, mas o abastecimento de água das cidades vizinhas era muito bom, em contraste com o seu abastecimento de

água inferior. Então, esperançosamente, ao examinarmos o Novo Testamento, ao começarmos a examinar os livros individuais do Novo Testamento, veremos alguns outros exemplos de como muitas vezes a reconstrução do contexto histórico, religioso e político pode nos ajudar a ter uma compreensão clara do texto e como então isso pode ser aplicado ao povo de Deus hoje. Outra coisa que quero falar é que quero dar uma breve olhada em outro texto.

Na verdade, acho que farei isso agora porque se encaixa muito bem com isso, e isso é pular a próxima seção de suas anotações. Voltaremos a essa segunda-feira, mas quero falar um pouco sobre a história do Natal, a história do Natal revisitada. Então, vamos visitar a história do Natal e, novamente, quero que você preste atenção em quantas vezes algumas das lacunas que precisam ser preenchidas quando pensamos sobre a história do Natal, muitas vezes preenchamos com coisas de nossa própria formação, nossos próprio entendimento, até mesmo nossas próprias tradições e educação e a maneira como fomos ensinados a lê-lo.

Assim, a história do Natal é recontada. Aqui está uma bela imagem de como era, sem dúvida, o primeiro século, quando Jesus nasceu. Só que seriam figuras reais, mas ali está Jesus, e observe o ambiente confortável e todo o feno, e observe como está claro, e ali os pastores com seus animais ao redor, ali estão os três reis magos, e até um anjo agraciado a cena da manjedoura com sua presença.

E assim, a cena da manjedoura está bem higienizada para consumo popular, e esta é a imagem que muitas vezes carregamos em nossas cabeças, e esta é a imagem que usamos para ler e interpretar Lucas 2 e Mateus 2, onde encontramos o registro de a história do Natal. Agora, o que quero fazer é voltar e olhar para a história do Natal e tentar perguntar : de que forma podemos ter preenchido os detalhes com coisas da nossa própria tradição, das nossas próprias suposições, da forma como temos aprendido a ler a história, e talvez tentar vê-la de uma forma um pouco diferente e perguntar: como seria para um leitor do primeiro século? Como eles podem ter ouvido e lido? O que podemos estar assumindo? Então, vamos voltar e dar uma olhada no texto. Novamente, os dois lugares onde o nascimento de Jesus é especificamente mencionado, os únicos outros lugares onde o nascimento de Jesus é especificamente mencionado, acho que há uma referência em Romanos 1, há uma referência a Gálatas de Jesus nascer de uma mulher, há uma referência em Apocalipse capítulo 12.

Ninguém nunca lê isso na época do Natal, mas há uma referência ao nascimento de Jesus em Apocalipse, capítulo 12. Mas fora isso, sinto muito, você pode dizer onde está minha mente. Mateus capítulo 2 e Lucas 2 são os relatos mais detalhados do nascimento de Jesus Cristo e dos eventos que os cercaram, incluindo também o capítulo 1 de cada um desses livros.

Mas vamos voltar e olhar para eles. Quero examinar várias características desta representação comum da cena da manjedoura e como poderíamos ter preenchido os detalhes de uma forma que pode não refletir necessariamente como os leitores do primeiro século teriam entendido isso ou o que pode realmente ter acontecido. Então, a história do Natal recontada, acho que a mais fácil de dispensar naquela foto foi a presença dos três Reis Magos.

E acho que a maioria de vocês, espero que agora perceba duas coisas. Número um, não haveria nenhum mago presente na cena da manjedoura quando Jesus nasceu. Mateus capítulo 2 nos diz claramente que os magos foram à casa de Jesus.

O fato de Herodes ter matado todos os meninos com dois anos de idade sugere que Jesus provavelmente tinha entre um e dois anos de idade quando os magos, que na verdade eram astrólogos estrangeiros, vieram visitar Jesus. A segunda coisa é que não há menção de quantos eram. Há apenas uma menção de que eles trouxeram três presentes: ouro, incenso e mirra.

E quando chegarmos a Mateus, explorarei por que esses três presentes e por que isso é significativo. Mas muito provavelmente houve muito mais do que três reis magos que vieram visitar Jesus. Mas obviamente, novamente, espero que você já saiba, eles não foram à manjedoura.

Eles chegaram um ou dois anos depois à casa de Jesus em Belém. E Mateus nos diz que ele era um bebê, uma criança, não um bebê, como faz Lucas. Então, número um, não existiam homens sábios.

Provavelmente não eram três, mas não apareceram na cena da manjedoura. A estrela ficou na casa deles. Não, teria sido. Novamente, eu realmente quero falar mais sobre isso quando chegarmos a Mateus 2, mas provavelmente está relacionado ao fato de que eles são astrólogos e há outras coisas acontecendo.

Há outras coisas acontecendo com a menção da estrela, mas quero falar mais sobre isso quando entrarmos em Matthew. Dedicaremos um pouco de tempo a Mateus 2 e ao que está acontecendo na história de Jesus, seu nascimento, sua estadia em Belém, sua partida para o Egito e sua volta. Há uma série de coisas do Antigo Testamento acontecendo nesse texto que exploraremos.

E Herodes? Quer dizer, não acho que haja qualquer relacionamento. Novamente, veremos isso quando chegarmos a Mateus 2, mas eles simplesmente vão ao lugar mais natural para descobrir onde obter mais informações e onde esse Messias nascerá. Deixe-me dar uma olhada em alguns outros.

Não vamos terminar isso, mas esse é outro fácil, eu acho, uma pousada e um estalajadeiro. A maioria de nossas traduções para o inglês diz que Jesus, Maria e José

foram para Belém e colocaram Jesus em uma manjedoura porque não havia lugar para eles na pousada. Muitas vezes construímos esta história de Jesus, de Maria e José indo para uma pousada e eles são rejeitados porque o sinal de não há vaga está aceso e o estalajadeiro os manda para o único lugar.

Na verdade, ouvi um sermão. Eu leio. Eu realmente não ouvi isso.

Certa vez, li um sermão que se baseava na ideia do estalajadeiro rejeitando Jesus. E a ideia era: vamos rejeitar Jesus também? No entanto, em primeiro lugar, o mais fácil é que simplesmente não há menção a um estalajadeiro em Lucas 2. Em segundo lugar está a palavra que é traduzida como palavra grega, e na verdade houve duas traduções que foram produzidas no último ano que finalmente foram traduzidas. mudou isso. Essa palavra, aquela palavra grega que é traduzida é uma palavra que na verdade significa quarto de hóspedes.

Então, o lugar onde Maria e José foram não foi para uma pousada. Muito provavelmente uma cidade de tamanho tão insignificante como Belém talvez nem tivesse uma pousada. Não tenho certeza, mas Maria e José não foram para uma pousada ou motel.

Eles foram para um quarto de hóspedes, provavelmente na casa de um parente. E assim, não há estalajadeiro e não há estalagem. Novamente, essa palavra é usada em outras partes de Lucas claramente para se referir a um quarto de hóspedes, não a uma pousada.

Então, provavelmente eles vão para a casa de um parente e têm um quarto de hóspedes ou casa de hóspedes onde Maria e José vão ficar. Outra coisa, quando Mary teve o bebê? Novamente, isso é um tanto insignificante, mas pensamos em Maria há nove meses, quando ela montou no burro em Jerusalém e naquela noite Jesus saiu. Pode não ter acontecido assim.

O autor não nos diz quanto tempo eles ficaram em Belém antes de Jesus nascer. Não há nenhuma indicação específica se eles tiveram Jesus naquela noite, talvez, ou foi um mês, dois ou mais depois? Isso também é possível. O texto não nos diz quanto tempo eles estiveram em Belém antes de Maria ter o filho.

A outra coisa, curiosamente, é o fato de que não havia quarto no quarto de hóspedes, nem na pousada. Curiosamente também, não nos diz, o texto não diz que Maria e José nunca ficaram no quarto de hóspedes. Na verdade, Maria e José poderiam muito bem ter ficado no quarto de hóspedes.

O problema era que haveria outras pessoas lá também. E talvez eles tenham ficado lá até a hora de ter o bebê. E Mary, quem quer ter um filho quando há todas essas outras pessoas por perto? O quarto de hóspedes estava muito lotado.

Não havia espaço. Portanto, não precisamos pensar em Maria e José morando na manjedoura do estábulo o tempo todo. Eles podem ter ficado neste quarto de hóspedes e então, quando as contrações se aproximaram e ela sabia que teria o bebê, estava muito lotado.

E então foram para esta manjedoura, o único lugar privado que encontraram. Então, novamente, ouça o texto com atenção e não vá além do que ele diz, mas certifique-se de que não o estamos lendo apenas à luz de nossas próprias suposições e tradições.

Esta é a Aula 4 do livro História e Literatura do Novo Testamento sobre Judaísmo e Valores Sociais, do Dr. David Mathewson.